

La imagen del enfermero bajo la visión de los auxiliares de enfermería

Santos Verginia Helena Souza¹, Silva Silvia Sidnéia², Caritá Edilson Carlos³,
Costacurta Maria Rita Rodoón⁴

RESUMEN

La imagen profesional de las enfermeras es el resultado de una red de representaciones sociales de la enfermería. **Objetivo:** investigar la imagen del enfermero bajo la visión de los auxiliares de enfermería. **Material y métodos:** estudio descriptivo a partir de enfoque cuali-cuantitativo, realizado en dos instituciones hospitalarias particulares del estado de San Paulo - Brasil, con y sin fines de lucro. La recolección de datos se hizo de 01 de julio a 31 de agosto de 2008. La muestra se constituye de 53 auxiliares de enfermería de las instituciones, con edades entre 20 y 56 años, siendo el 26% del sexo masculino y 74% del sexo femenino. **Resultados:** los individuos indican las múltiples funciones para las enfermeras. Los auxiliares de enfermería referenciaron 99 términos para explicar cómo ven al enfermero, apuntando diferencias en su actuación en instituciones públicas y particulares, y señalaron que el recién egresado se preocupa principalmente en apuntar y denunciar las fallas del equipo. Los auxiliares perciben la diferencia de un enfermero líder y jefe, evidenciando la división social del trabajo, aludiendo que la mayoría realiza efectivamente poca actividad, sin embargo, son jefes y ganan más. **Conclusiones:** por último, se concluye que los auxiliares de enfermería identificaron aspectos profesionales y personales de los enfermeros, además, la imagen es producción del medio político-social de cada segmento profesional, así el auxiliar de enfermería describió a su modo al enfermero, de acuerdo con sus relaciones, generando imágenes distintas, si consideramos las dos instituciones de salud estudiadas.

Palabras Clave: Formación de concepto; Auxiliares de enfermería; Reconocimiento; Bachillerato en enfermería; Brasil. (Fuente: DeCS BIREME).

A imagem do enfermeiro sob a ótica dos auxiliares de enfermagem

RESUMO

A imagem profissional do enfermeiro resulta de uma rede de representações sociais da enfermagem. **Objetivo:** investigar a imagem do enfermeiro sob a ótica dos auxiliares de enfermagem. **Materiais e métodos:** estudo descritivo pautado na abordagem quali-quantitativa, realizado em dois hospitais privados, com e sem fins lucrativos. A coleta de dados ocorreu de 01 de julho a 31 de agosto de 2008. A amostra constituiu-se de 53 auxiliares de enfermagem das instituições, com idades entre 20 e 56 anos, sendo 26% do sexo masculino e 74% feminino. **Resultados:** os sujeitos indicam múltiplas funções para o enfermeiro. Os auxiliares de enfermagem referenciaram 99 termos para explicar como veem o enfermeiro, apontando diferenças na atuação deles em Instituições públicas e privadas, e assinalam que o recém formado se preocupa, principalmente, em apontar e denunciar as falhas da equipe. Os auxiliares percebem a diferença de um enfermeiro líder e chefe, evidenciando a divisão social do trabalho, acenando que a maioria realiza pouca atividade, efetivamente, porém são os chefes, e ganham mais. **Conclusões:** por fim, concluímos que os auxiliares de enfermagem identificaram aspectos profissionais e pessoais dos enfermeiros, todavia, a imagem é produção do meio político-social de cada segmento profissional, assim, o auxiliar de enfermagem reproduziu, em seus meios, o

¹ Enfermeira Assistencial do Hospital e Maternidade São Lucas. Ribeirão Preto, São Paulo-Brasil.

² Doutora em Enfermagem. Professora Titular da Universidade de Ribeirão Preto – UNAERP. Ribeirão Preto, São Paulo-Brasil.

³ Doutor em Ciências Médicas. Professor Titular da Universidade de Ribeirão Preto – UNAERP. Ribeirão Preto, São Paulo-Brasil.

⁴ Graduanda do curso de Enfermagem da Universidade de Ribeirão Preto – UNAERP. Ribeirão Preto, São Paulo-Brasil.

enfermeiro, de acordo com suas relações, gerando imagens distintas, ao considerarmos as duas instituições de saúde estudadas.

Palavras-Chave: Formação de conceito; Auxiliares de enfermagem; Reconhecimento; Bacharelato em enfermagem; Brasil. (Fuente: DeCS BIREME).

The representation of the nurse from the point of view of nursing assistants

ABSTRACT

The professional image of nurses is the result of a network of social representations of nursing. **Objectives:** Investigate the representation of the nurse from the point of view of nursing assistants. **Material and Methods:** It is a qualitative, descriptive study conducted in two private teaching hospitals, one non-profit and the other profit-making. Data collection occurred between July 1 and August 31, 2008, and the sample included 53 nursing assistants from both institutions. Their ages ranged between 20 and 56 years, and 26% of them were male and 74% female. **Results:** The participants indicate multiple roles for nurses. Nursing assistants referred to 99 terms to explain how they view the nurse, pointing to differences in the way that professional works in public and private institutions and they stressed that newly graduates particularly worry about identifying and reporting mistakes made by the team. Assistants noticed differences with a leader of chief nurse, which make clear the social division of work and indicate that most of them actually work little even though they are better paid because they are leaders. **Conclusions:** Eventually, we conclude that nursing assistants identify professional and personal traits of nurses; however, their representation of such professionals is the result of the social and political characteristics of the specific work environments in which they act. Thus, nursing assistants reproduce, in their environment, a representation of the nurse according to their relations, which reveals different conceptions when the two kinds of institution are taken into consideration.

Keywords: Concept formation; Nurses' aides; Recognition; Nursing; Brasil. (Source: DeCS BIREME).

INTRODUÇÃO

A imagem profissional do enfermeiro resulta de uma rede de representações sociais da enfermagem, construída a partir de reflexos da estrutura política e das ações profissionais atuais. Estas condições caracterizam a Enfermagem como mutável, sendo definidas de acordo com a repercussão de sua história, de suas tradições, suas normas, seus interesses, suas práticas e relações sociais (1).

O reconhecimento profissional da enfermagem vem sendo construído, há séculos, pela equipe de enfermagem e seus representantes, de forma árdua e morosa, pois almejam exercer sua parcela de contribuição no âmbito da equipe multiprofissional e interdisciplinar na busca da prevenção de doenças, promoção e restabelecimento da saúde da população.

Constitui a equipe, além do enfermeiro, o auxiliar e o técnico de enfermagem caracterizando a divisão social e téc-

nica da profissão no Brasil obedecendo ao modelo de saúde pública americano, especialmente, a partir de 1932, através da criação de decretos leis que começaram a amparar as categorias auxiliares (2).

A divisão do trabalho na enfermagem sofisticou-se à medida que se reveste de maior complexidade técnica para estabelecer as tarefas entre as diversas categorias, contribuindo para a manutenção da hierarquia social, ampliada no setor saúde com o desenvolvimento da assistência hospitalar (2).

A enfermagem moderna é ativa e abrangente atendendo às exigências da vida contemporânea, vem desbravando espaços e quebrando tabus, visando equilíbrio entre a assistência humanizada, técnica e o conhecimento científico.

O processo de construção do conhecimento teórico-prático da enfermagem, como um ato eminentemente político e criador, a impulsionou para essa condição que se encontra na atualidade, sempre buscando a complexidade crescente

das ações transformadoras da profissão, enfatizando a consciência política dos profissionais na luta por qualidade nas práticas da enfermagem (3).

As histórias da enfermagem brasileira e da saúde de nosso país estão intimamente relacionadas, e temos como referência de grandes mudanças, em ambas, a década de 70, quando ocorreram movimentos sociais pró-saúde pública, em especial, após o I Simpósio sobre Política Nacional de Saúde. Neste momento, a enfermagem foi palco de grande revolução com transformações que desabrocharam sua prática social no âmbito de assistência, ensino e pesquisa.

Com base no exposto, objetivamos investigar a imagem do enfermeiro sob a ótica dos auxiliares de enfermagem, pois entendemos que há necessidade do profissional enfermeiro refletir sobre sua imagem e definir quem ele é e como é visto pela sua equipe, pois assim poderá avaliar sua história, suas ações, sua estrutura social e política e refletir acerca desses aspectos.

MATERIAIS E MÉTODOS

Trata-se de um estudo descritivo que se pautou na abordagem de análise quali-quantitativa (4). O estudo foi realizado no Hospital Electro Bonini e no Hospital e Maternidade São Lucas, ambos localizados na cidade de Ribeirão Preto, estado de São Paulo, Brasil.

A população do estudo constituiu-se de 109 auxiliares de enfermagem, porém 17 colaboradores das Instituições encontravam-se de férias ou em afastamento do trabalho no período da coleta de dados totalizando 92 sujeitos, e destes 39 apresentaram restrições às respostas por incompatibilidade de horários e receio em responder as questões.

Desta forma, a amostra constituiu-se de 53 indivíduos, tendo em vista que foram entrevistados 34 auxiliares de enfermagem no Hospital e Maternidade São Lucas, Instituição A, e 19 auxiliares de enfermagem no Hospital Electro Bonini, Instituição B, os entrevistados foram de ambos os sexos, com 18 anos ou mais, atuantes nas Instituições de Saúde do estudo como prestadores de serviços em diversos turnos de trabalho (manhã, tarde, vespertino e noite).

Foram utilizadas duas Instituições por apresentarem natureza jurídica distintas, uma vez que uma tem fins lucrativos e a outra não, porém ambas são usadas como

campo de estágio pelos alunos do curso de graduação em enfermagem da Universidade de Ribeirão Preto e poderiam apresentar visões diferenciadas do auxiliar de enfermagem, quanto ao enfermeiro, devido a esta condição.

O projeto de pesquisa foi encaminhado ao Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos da Universidade de Ribeirão Preto e aprovado sob nº 061/08, considerando as Diretrizes da Resolução 196/96 do Conselho Nacional de Saúde do Brasil, com a coleta de dados realizada no período de 01 de julho de 2008 a 31 de agosto de 2008, através de um questionário semi-estruturado. Este instrumento foi aplicado pelos pesquisadores, realizando as perguntas e transcrevendo as respostas logo após o depoimento. A validação do instrumento foi realizada com 16 auxiliares de enfermagem atuantes em diversas Instituições de saúde do município de Ribeirão Preto, que não participaram da coleta e aceitaram tomar ciência das questões para respondê-las, avaliando suas pertinências.

A análise quali-quantitativa ocorreu com o armazenamento dos dados em uma planilha eletrônica do *software Microsoft Excel 2000* e, posteriormente, foram analisados através da funcionalidade de «relatório de tabela e gráfico dinâmico» onde foi possível correlacionar as informações por meio de um cubo dinâmico.

RESULTADOS

A primeira parte do instrumento utilizado para as entrevistas compreende dados de identificação (nome, sexo, data de nascimento, ano de formação profissional e admissão na Instituição, setor de atuação, turno de trabalho e se trabalhava em outra Instituição). A faixa etária dos sujeitos está demonstrada na Tabela 1.

As idades dos sujeitos estão compreendidas entre 20 e 56

Tabela 1. Distribuição da amostra em cada Instituição de Saúde estudada de acordo com a faixa etária. Ribeirão Preto-Brasil, 2008.

FAIXA ETÁRIA	INSTITUIÇÃO A		INSTITUIÇÃO B		TOTAL	
	Nº	%	Nº	%	Nº	%
20-30	13	38	2	10,5	15	28
31-40	15	44	2	10,5	17	32
41-50	6	18	13	68,5	19	36
51-60	-	-	2	10,5	2	04
TOTAL (n=53)	34	64	19	100	53	100

anos e foram classificadas por faixas etárias, obedecendo a intervalos de 10 anos, iniciadas por 20 a 30 anos com término na faixa etária de 51 a 60 anos, com maior concentração de sujeitos na faixa etária de 31 a 40 anos, 44% na Instituição A, e de 41 a 50 anos, 68% na Instituição B, conforme Tabela 1. A média de idades foi de 37 anos e o desvio padrão de 8,93.

Dos entrevistados, 26% são do sexo masculino e 74% do sexo feminino, considerando as duas instituições, mas observa-se na Instituição A que há uma maior prevalência do sexo masculino.

Dos 53 auxiliares de enfermagem entrevistados, 58% referiram trabalhar em outra Instituição, sendo 35% do sexo masculino e 65% do sexo feminino.

Ao considerarmos a faixa etária, sexo e ano de formação constatase que a maioria dos trabalhadores, na faixa de 41 a 50 anos, 69% sujeitos é do sexo masculino, e 37% deles se formaram entre 1979 a 1989. Ainda verifica-se que os sujeitos formados entre 1990 a 2000, predominantemente, estão com idades pertencentes à faixa etária de 31 a 40 anos (48%); com 71% sujeitos do sexo feminino.

No intervalo de 2001 a 2008, formaram-se 98% da amostra masculina, com idades na faixa etária de 21 a 30 anos.

Outros dados levantados salientam que 45% dos entrevistados atuam em alas de internação; 34% atuam em setores fechados como centro cirúrgico, recuperação e unidades de terapia intensiva; 11% em atendimento ambulatorial; 6% em maternidade; 01 em central de materiais estéreis e 01 como maqueiro, representando 4% dos sujeitos.

Os sujeitos trabalham divididos nos turnos manhã (M), tarde (T), noturno (N) e vespertino (V) com carga horária diária, de 6 horas cada, e diurno (D) correspondendo a 8 horas diárias, nas instituições estudadas.

Após a identificação dos sujeitos, fizemos as perguntas abertas propostas no instrumento e as respostas foram lidas e agrupadas para que pudéssemos proceder às análises. As respostas foram agrupadas em 15 grupos obedecendo a forma que foram citadas.

Os profissionais foram indagados quanto à função do enfermeiro na questão 01, e indicaram 15 funções considerando as duas Instituições; sendo Instituição A responsável por 63% das indicações e a Instituição B, por 37% delas, de acordo com a Tabela 2. Dos grupos de respostas, 60% foram indicados pelos auxiliares de enfermagem das duas empresas, 33% delas apareceram apenas na Instituição A e 6% dos grupos, apenas na Instituição B.

TABELA 2. Distribuição de grupos de funções do enfermeiro segundo os auxiliares de enfermagem, de acordo com a Instituição. Ribeirão Preto-Brasil, 2008.

GRUPO DE FUNÇÕES	INSTITUIÇÃO A		INSTITUIÇÃO B		TOTAL	
	Nº	%	Nº	%	Nº	%
Manter a harmonia	-	-	06	100,0	06	4,5
Realizar procedimentos delicados	03	30,0	07	70,0	10	7,5
Fazer escalas	06	67,0	03	33,0	09	7,0
Burocracia e administração	05	100,0	-	-	05	4,0
Promover trabalho em equipe	09	47,0	10	53,0	19	14,0
Ajudar nas atividades	07	47,0	08	53,0	15	11,0
Trabalhador da equipe multiprofissional	01	100,0	-	-	01	0,7
Supervisor, administração da unidade	08	53,0	07	47,0	15	11,0
Coordenar, fiscalizar, planejar	15	100,0	-	-	15	11,0
Orientação da equipe	13	76,0	04	24,0	17	13,0
Orientação do paciente	05	62,5	03	37,5	08	6,0
Reciclagem	01	100,0	-	-	01	0,7
Dedicar-se à profissão	01	50,0	01	50,0	02	1,5
Ser o líder	09	90,0	01	10,0	10	7,5
Não ser punidor	01	100,0	-	-	01	0,7
TOTAL	84	63,0	50	37,0	134	100,0

Dos 15 grupos apresentados, 47% compreenderam 75% das citações dos auxiliares de enfermagem. Diante desse dado propôs-se uma classificação de funções identificadas na Tabela 3 como gerenciais (71%) e assistenciais (29%) dos casos, delineadas na Tabela 4, sendo que cada profissional podia indicar o número de funções que julgasse pertinente ao enfermeiro, fossem de caráter gerencial ou assistencial; apontando, então, mais de uma atividade em sua resposta, em alguns casos.

TABELA 3. Distribuição de grupos de funções de caráter gerencial citados pelos auxiliares de enfermagem de acordo as Instituições que trabalham. Ribeirão Preto-Brasil, 2008.

FUNÇÕES GERENCIAIS	INSTITUIÇÃO A		INSTITUIÇÃO B	
	Nº	%	Nº	%
Promover trabalho em equipe	09	47	10	53
Orientação da equipe	13	76	04	24
Supervisor, administração da unidade	08	53	07	47
Coordenar, fiscalizar, planejar	15	100	-	-
Ser o líder	09	90	01	10
TOTAL	54	71	22	29

TABELA 4. Distribuição de grupos de funções núcleos com citações de caráter assistencial, citados pelos auxiliares de enfermagem, de acordo as Instituições que trabalham. Ribeirão Preto-Brasil, 2008.

FUNÇÕES ASSISTENCIAIS	INSTITUIÇÃO A		INSTITUIÇÃO B	
	Nº	%	Nº	%
Ajudar nas atividades	07	47	08	53
Realizar procedimentos delicados	03	30	07	70
TOTAL	10	40	15	60

Comparando as citações das duas Instituições, observa-se que a Instituição A tem uma visão do enfermeiro, de caráter mais gerencial (64%) citações, e a Instituição B apresenta equilíbrio entre gerenciais (44%) e assistenciais (56%) indicações.

Quando os sujeitos foram perguntados se o enfermeiro de sua equipe desempenha as funções referenciadas na

questão 01, tivemos 79% da amostra respondendo que sim e, destes, 60% dos sujeitos não justificaram sua resposta. Considerando as Instituições, isoladamente, na Instituição A, 88% dos entrevistados responderam sim e na Instituição B foram 63% deles.

Os dados confirmam as citações dos auxiliares de enfermagem na questão 01, onde destacam como principais funções do enfermeiro aquelas de cunho gerencial.

Podemos inferir também que, assim como ocorreu na questão 01, a visão dos entrevistados em relação ao enfermeiro, na instituição A, é de um profissional gestor, representando 88% das citações.

Na questão 03, ao serem indagados se o enfermeiro enfrenta algum obstáculo para exercer as funções referenciadas, 81% da amostra responderam que sim, sendo que esta foi a afirmativa de 71% dos entrevistados da instituição A e 100% da instituição B.

Ao justificarem suas afirmativas os auxiliares de enfermagem relataram, como principais obstáculos, as atividades de ordem burocrática, 28% deles, e imposições da Instituição (17%); estes dois obstáculos somam 45% dos apontados, os demais, 55%, estão divididos em 16 obstáculos diferentes, a comentar a sobrecarga, poucos funcionários e resistência da equipe médica.

Ao serem indagados como veem o profissional enfermeiro, na questão 04, os auxiliares de enfermagem referenciaram 99 termos, que foram agrupados em 18 itens de maior incidência e divididos em três subgrupos de acordo com a compatibilidade das citações, que somados, chegaram a 77% das indicações da amostra. No primeiro subgrupo ficaram os termos de ordem profissional positivos, no segundo subgrupo aqueles de ordem pessoal positivo e no terceiro, de ordem pessoal, depreciativos.

O primeiro grupo formado é composto pelos adjetivos: competente, responsável, profissional, atualizados e esforçados; que correspondem a 47% das indicações da amostra.

O segundo grupo compreende os termos: pessoas boas, compreensivo, colaborativo, prestativo e sério, correspondendo a 17% das citações da amostra.

O terceiro grupo compõe-se dos termos desinteressado, inseguro, inexperiente, frustrado e conivente; que correspondem a 13% da indicação total da amostra.

Ao serem indagados, na questão 05, se há diferença na atuação do enfermeiro quando ele trabalha em Instituição pública ou privada, 85% da amostra responderam sim e ao justificarem sua resposta, 39% da amostra argumentaram que «no privado o enfermeiro é mais cobrado», 22% ressaltaram que «no setor público tem mais comodismo» e 20% relataram que a diferença se dá por que «no público tem mais função».

Além das questões acima, deixamos um espaço para o entrevistado falar, utilizado por 60% deles, sendo 56% dos entrevistados da Instituição A e 37% da Instituição B.

Dentre as respostas, 32% dos sujeitos relataram que «a pesquisa realizada é boa, pois dá espaço para os auxiliares falarem, coisa que não é feita». Outros 13% usaram o espaço para dizer que falta espírito de equipe na enfermagem e falta o enfermeiro assumir seu papel perante a sua equipe.

DISCUSSÃO

Os dados referentes ao predomínio do sexo feminino entre os trabalhadores de enfermagem corroboram achados de Silva (5) quando assinala que as mulheres constituem maioria no exercício dessa profissão, porém, especialmente em função das exigências de mercado tem sido percebido um aumento do sexo masculino na área. Este último dado é ratificado pelo estudo de Silva (5) ao enfatizar o aumento de trabalhadores do sexo masculino, nos últimos anos.

Os achados referentes a outros empregos identificaram maior sobrecarga da mulher ao assumir dois empregos de, em média, 06 horas cada, como carga horária, totalizando 12 horas diárias de trabalho fora do lar.

Os auxiliares de Enfermagem têm uma visão do enfermeiro, nas duas Instituições estudadas, de caráter mais gerencial, entendendo gerenciamento como definem Felli e Peduzzi (6), denominando-o como organização do ambiente, organização e treinamento dos agentes de enfermagem, além da organização da execução do cuidado ao doente. Ainda referem-se às funções assistenciais como a dimensão prática das técnicas.

Os profissionais da amostra assinalam que as funções do enfermeiro são principalmente de ordem gerencial (71%); o que ratifica a influência histórica da profissão, pois no século XIX Florence Nightingale fundou a primeira escola de enfermagem no Hospital Saint Thomas, priorizando na formação das *laidas* (enfermeira) o desempenho de

funções intelectuais como administração, supervisão, direção e controle dos serviços de enfermagem (3).

Além deste marco histórico, atualmente, segundo Trevizan *et al.* (7), o enfermeiro que se insere em uma organização hospitalar deve assumir autodeterminação de suas funções e ajustar princípios e medidas administrativas à solução de problemas específicos de suas áreas.

A presença de afazeres burocráticos, apreendendo grande tempo dos enfermeiros, já foi demonstrada por Trevizan *et al.* (7) em seu estudo, onde relata que as necessidades burocráticas e formais da organização, absorvem muito mais a atenção do enfermeiro do que qualquer outra atividade.

A imposição das Instituições também está presente na investigação de Trevizan *et al.* (8), quando salientam que ao se inserir em uma Instituição hospitalar, o enfermeiro se depara com um serviço que o leva a cumprir normas e regulamentos burocráticos, já pré-estabelecidos, não devendo desviar-se para o novo e inesperado.

As indicações dos auxiliares de Enfermagem, considerando os termos de ordem profissional positivos, confirmam aquelas descritas por Sousa (9), quando salienta que as características desejáveis à função do enfermeiro, referem-se a ser responsável, cuidadoso e eficaz para que tenha competência ao cumprir sua função, o que justifica o alto nível de exigência quanto à qualidade de trabalho na enfermagem.

Com relação aos termos de ordem pessoal positivo tem-se dados que nos remetem a lembrarmos de adjetivos usados no século XIX, quando Florence recrutou mulheres para acompanhá-la na guerra da Criméia (1854-1856), usando como critério características referentes ao padrão moral, intelectual, abnegação absoluta, altruísmo, espírito de sacrifício, integralidade, humildade e acima de tudo, disciplina (3).

Os aspectos de ordem pessoal depreciativos, assinalados pelos auxiliares, corroboram com Sousa (9) que traz como contrastes do profissional enfermeiro, os atributos de ordem emocional como ser insatisfeito, melindroso e temperamental, o que indica que os sujeitos veem os enfermeiros intelectuais com certo grau de insatisfação emocional.

As falas nos espaços abertos para opiniões e/ou sugestões remetem-nos à necessidade, dos membros da equipe de enfermagem, terem um espaço para opinarem, falarem sobre dificuldades e dúvidas, serem ouvidos de maneira

geral. Outro aspecto levantado é a importância do enfermeiro como líder, enquanto profissional responsável pela equipe, efetivamente, de maneira bem definida; pois quando esse papel não é desempenhado pelo enfermeiro nota-se insegurança e desorientação de sua equipe.

A divisão social do trabalho na Enfermagem emergiu nas falas do auxiliar de Enfermagem e, este fato reporta-nos a Melo (2), quando assinala que no século XVIII a enfermagem profissional se subdivide, reproduzindo as classes sociais dos novos agentes da profissão: as enfermeiras que ensinam, coordenam e supervisionam e as enfermeiras executoras de cuidados, pertencentes às classes sociais diferenciadas, identificando novamente a influência histórica no comportamento do enfermeiro, que carrega características adquiridas há mais de dois séculos.

O apontamento de que o enfermeiro realiza menos trabalho manual, mas recebe mais por isso, é compartilhado por Melo (2), em seu estudo onde relata que no século XVIII enquanto as religiosas, de modo geral, coordenavam e supervisionavam todo o serviço do hospital, os leigos voluntários ou trabalhadores mal remunerados, oriundos de uma classe social considerada subalterna, realizavam todo o trabalho manual. Caldonha (10) ressalta em seu estudo que, paradoxalmente, os enfermeiros são preparados nas Escolas de Enfermagem para a assistência direta ao paciente, tornando-se cada vez mais evidente a dicotomia teórico-prática, «com uma profunda dissonância entre o que é dito que o enfermeiro deve fazer, e o que ele executa de fato».

Compartilham-se pensamentos de Stacciarini et al. (11) e Nuederer e Lima (12) quando salientam que é de responsabilidade dos educadores e formadores de futuros profissionais, a auto-imagem do enfermeiro, as representações sociais do enfermeiro e a realidade a que se referem, pois neste espaço do saber os professores deveriam estimular o desenvolvimento do autoconceito dos alunos como forma de subsidiar a transformação social na prática. Esta situação nos permite inferir que há grande resistência às mudanças em nossa profissão, havendo a necessidade de trabalhar este aspecto com os profissionais desde sua formação e, inclusive, em cursos de pós-graduação.

Após análise e discussão dos dados obtidos a partir das entrevistas dos auxiliares de enfermagem sobre a imagem do enfermeiro podemos concluir que a amostra constituiu-se de 53 auxiliares de enfermagem, sendo 34 prestadores de serviços da Instituição A e 19 servidores da Instituição B. Os sujeitos têm idade entre 20 e 56 anos, com média

de 37 anos e desvio padrão 8,93; sendo 26% do sexo masculino e 74% deles do sexo feminino.

A maioria dos auxiliares de enfermagem trabalha em outra Instituição de saúde, com predomínio das mulheres, com carga horária diária de 12 horas de atividades fora do lar, e tiveram suas formações em anos compreendidos no intervalo de 1990 a 2000, porém 98% dos indivíduos do sexo masculino, têm formação entre 2001 a 2008.

Os sujeitos pontuam múltiplas funções que entendem ser do enfermeiro, que foram classificadas como gerenciais e assistenciais; apresentando-se como mais prevalente as citações de funções gerenciais. Porém, 79% da amostra responderam que as funções, de modo geral, são desempenhadas pelos enfermeiros, justificando, no caso de 81% dos sujeitos, que as causas podem ser obstáculos que estes profissionais encontram diariamente, sejam de ordem burocrática, institucional, por sobrecarga de trabalho, entre outros.

Os auxiliares de enfermagem referenciaram 99 termos para explicar como veem os enfermeiros, e estes foram agrupados em 18 itens de maior incidência que, posteriormente, foram subdivididos em três subgrupos compostos de termos de ordem profissional positiva (1º grupo), de ordem pessoal positiva (2º grupo) e de ordem pessoal depreciativa (3º grupo).

Ainda ratificaram que na Instituição privada o enfermeiro é mais cobrado, enfatizando que a imagem do enfermeiro recém formado é de um profissional que se preocupa em apontar e denunciar as falhas de sua equipe, salientando que o enfermeiro líder transmite segurança para a equipe e o chefe, em contrapartida, muitas vezes é autoritário e injusto.

Outro fator evidenciado é a divisão social do trabalho, quando apontam que a maioria dos enfermeiros realiza pouca atividade, efetivamente, porém, são os chefes, e ganham mais por isso, e que dentre os enfermeiros, os mais valorizados pelas instituições são os «bons de papo», que não necessariamente são os mais competentes e comprometidos com o serviço.

Por fim, conclui-se que os auxiliares de enfermagem identificaram aspectos profissionais e pessoais dos enfermeiros, todavia, a imagem é produto do meio político-social de cada segmento profissional, assim, os entrevistados reproduziram, em seus meios, o enfermeiro de acordo com suas relações, gerando imagens distintas, ao considerarmos as duas instituições de saúde estudadas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. Silva JC, editor. História do curso da enfermagem no Brasil à luz da LDB [Internet]. Brasil: Webartigos; 2008 [citado 13 nov 2008]. Disponible en: <http://www.webartigos.com/articles/4709/1/a-historia-do-curso-de-enfermagem-no-brasil-a-luz-da-ldb/pagina1.html>.
2. Melo C. Divisão social do trabalho e enfermagem. 1a ed. São Paulo: Cortez; 1986.
3. Geovanini T, Moreira A, Scholler SD, Machado WA. História da Enfermagem: versões e interpretações. 2a ed. Rio de Janeiro: Revinter; 2005.
4. Silva SS. Resgatando conflitos relativos à sexualidade dos clientes portadores de coronariopatias [dissertação]. Ribeirão Preto: Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo; 2007.
5. Silva NS, editor. Egressos de Enfermagem: comentando expectativas de futuros enfermeiros [monografia]. Ribeirão Preto: Curso de Enfermagem da Universidade de Ribeirão Preto; 2006.
6. Felli VEA, Peduzzi M. O trabalho gerencial em enfermagem. En: Kurcgant P. editora. Gerenciamento em Enfermagem. Rio de Janeiro (RJ): Guanabara Koogan; 2005.
7. Trevisan MA, Mendes IAC, Shinyashiki GT, Gray GI. Gerenciamento do enfermeiro na prática clínica: problemas e desafios em busca de competência. Rev. Latino-Am. Enfermagem. 2006;14(3):457-60. doi: 10.1590/S0104-11692006000300022.
8. Trevisan MA, Mendes IAC, Lourenço MR, Shinyashiki GT. Aspectos éticos na ação gerencial do enfermeiro. Rev. Latino-Am. Enfermagem. 2002; 10(1):85-89. doi: 10.1590/S0104-11692002000100013.
9. Sousa FAEF. Percepção social do enfermeiro. Rev. Latino-Am. Enfermagem. 2000;8(1):31-34. doi: 10.1590/S0104-11692000000100005.
10. Caldonha AM. O papel do enfermeiro na visão do cliente externo [dissertação]. Ribeirão Preto: Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo; 1998.
11. Stacciarini JMR, Andraus LMS, Esperidião E, Nakatani AK. Quem é o enfermeiro? Rev. Eletrônica de Enfermagem [Internet]. 1999 out-dez [citado 18 out 2008];1(1):-[aprox. 9p.]. Disponible en: http://www.fen.ufg.br/revista/revista1_1/Quem.html.
12. Nauderer TM, Lima MADS. Imagem da enfermeira: revisão da literatura. Revista Brasileira de Enfermagem. 2005; 58(1):74-77. doi: 10.1590/S0034-71672005000100014.

Correspondencia

Silvia Sidnéia Silva
Universidade de Ribeirão Preto
Rua XI de Agosto 798 Apto 51, Campos Elíseos- Brasil
CEP 14085030.
Correo electrónico: sssv3@ig.com.br

Forma de citar este artículo: Santos VH, Silva SS, Caritá EC, Costacurta MR. La imagen del enfermero bajo la visión de los auxiliares de enfermería. Rev enferm Herediana. 2009;2(2):65-72.